

A obra seguinte é chamada Auto da Feira. Foi representada ao mui excelente Príncipe El Rei Dom João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua nobre e sempre leal cidade de Lisboa, às matinas do Natal, na era do Senhor de 1527.

Figuras

Mercúrio, Tempo, Serafim, Diabo, Roma, Amâncio Vaz, Diniz Lourenço, Branca Anes, Marta Dias, Justina, Leonarda, Teodora, Moneca, Giralda, Juliana, Tesaura, Merenciana, Doroteia, Gilberto, Nabor, Dionísio, Vicente, Mateus.

Entra primeiramente Mercúrio, e posto em seu assento, diz:

MERCÚRIO

Pera que me conheçais,
e entendais meus partidos,
todos quantos aqui estais
afinai bem os sentidos,
mais que nunca, muito mais.
Eu sou estrela do céu,
e depois vos direi qual,
e quem me cá descendeu
e a quê, e todo o al
que me a mi aconteceu.

E porque a astronomia
anda agora mui maneira,
mal sabida e lisonjeira,
eu, à honra deste dia,
vos direi a verdadeira.
Muitos presumem saber
as operações dos céus,
e que morte hão-de morrer,
e o que há-de acontecer
aos anjos e a Deus,

e ao mundo e ao diabo.
E que o sabem têm por fé;
e eles todos em cabo
terão um cão polo rabo,
e não sabem cujo é.
E cada um sabe o que monta
nas estrelas que olhou;
e ao moço que mandou,
não lhe sabe tomar conta
d' um vintém que lh' entregou.

Porém, quero-vos pregar,
sem mentiras nem cautelas,
o que per curso d' estrelas
se poderá adivinhar,
pois no céu nasci com elas.
E se Francisco de Melo,
que sabe ciência avondo,
diz que o céu é redondo,
e o sol sobre amarelo;
diz verdade, não lh' o escondo.

Que se o céu fora quadrado,
não fora redondo, senhor.
E se o sol fora azulado,
d' azul fora a sua cor
e não fora assi dourado.
E porque está governado
per seus cursos naturais,
neste mundo onde morais
nenhum homem aleijado,
se for manco e corcovado,
não corre por isso mais.

E assi os corpos celestes
vos trazem tão compassados,
que todos quantos nascestes,
se nascestes e crescestes,
primeiro fostes gerados.
E que fazem os poderes
dos sinos resplandecentes?
Que fazem que totalas gentes
ou são homens ou mulheres,
ou crianças inocentes.

E porque Saturno a nenhum
influi vida contina,
a morte de cada um
é aquela de que se fina,
e não d' outro mal nenhum.
Outrossim o terremoto,
que às vezes causa perigo,
faz fazer ao morto voto
de não bulir mais consigo,
cantá de seu próprio moto.

E a claridade encendida
dos raios piramidais
causa sempre nesta vida
que quando a vista é perdida,
os olhos são por demais.

E que mais quereis saber
desses temporais e disso,
senão que, se quer chover,
está o céu pera isso,
e a terra pera a receber?
a lua tem este jeito:
vê que clérigos e frades
já não têm ao Céu respeito,
mingua-lhes as santidades,
e cresce-lhes o proveito.

*Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus, Regina musicae,
secundum Joanes Monteregio:*

Mars, planeta dos soldados,
faz nas guerras conteúdas,
em que os reis são ocupados,
que morrem de homens barbados
mais que mulheres barbudas.
E quando Vénus declina,
e retrogada em seu cargo,
não se paga o desembargo
no dia que s' ele assina
mas antes por tempo largo.

Et quantum ad Taurus et Aries, Cancer Capricornius positus in firmamento coeli:

E quanto ao Touro e Carneiro,
são tão maus d' haver agora
que quando os põe no madeiro,
chama o povo ao carniceiro
Senhor, c' os barretes fora.
Depois do povo agravado,
que já mais fazer não pode,
invoca o signo do Bode,
Capricórnio chamado,
porque Libra não lhe acode.

E se este não hás tomado,
nem Touro, Carneiro assi,
vai-te ao sino do Pescado,
chamado *Piscis* em latim,
e serás remedeado:
e se *Piscis* não tem ensejo,
porque pode não no haver,
vai-te ao signo do Cranguejo,
Signum Cancer, Ribatejo,
que está ali a quem no quer.

Sequuntur mirabilia Jupiter Rex regum, Dominus dominantium.

Júpiter, rei das estrelas,
deus das pedras preciosas,
mui mais precioso qu' elas
pintor de todas as rosas,
rosa mais fermosa delas;
é tão alto seu reinado ,
influência e senhoria,
que faz percurso ordenado
que tanto vale um cruzado
de noite como de dia.

E faz que ùa nau veleira
mui forte, muito segura,
que inda que o mar não queira,
e seja de cedro a madeira,
não preste sem pregadura.

Et quantum ad duodecim domus Zodiacus, sequitur declaratio operationem suam.

Ao Zodíaco acharão
doze moradas palhaças,
onde os sinos estão
no Inverno e no Verão,
dando a Deus infindas graças.
Escutai bem, não durmais,
sabereis por conjeituras
que os corpos celestiais
não são menos nem são mais
que suas mesmas granduras.

E os que se desvelaram,
se das estrelas souberam,
foi que a estrela que olharam,
está onde a puseram,
e faz o que lhe mandaram.
E cuidam que Ursa Maior,
Ursa Menor e o Dragão,
e *Lepus*, que têm paixão,
porque um corregedor
manda enforcar um ladrão.

Não, porque as constelações
não alcançam mais poderes,
que fazer que os ladrões
sejam filhos de mulheres,
e os mesmos pais varões.
E aqui quero acabar.
E pois vos disse atéqui
o que se pode alcançar,
quero-vos dizer de mi,
e o que venho buscar.

Eu são Mercúrio, senhor
de muitas sabedorias,
e das moedas reitor,
e deus das mercadorias:
nestas tenho meu vigor.
Todos tratos e contratos,
valias, preços, avenças,
carestias e baratos,
ministro suas pertenças,
até às compras dos sapatos.

E porquanto nunca vi
na corte de Portugal
feira em dia de Natal,
ordeno ùa feira aqui
pera todos em geral.
Faço mercador-mor
ao Tempo, que aqui vem;
e assi o hei por bem.
E não falte comprador.
Porque o tempo tudo tem.

Entra o Tempo, e arma ùa tenda com muitas cousas e diz:

TEMPO

Em nome daquele que rege nas praças
d'Anvers e Medina as feiras que têm,
começa-se a feira chamada das Graças,
à honra da Virgem parida em Belém.

Quem quiser feirar,
venha trocar, qu' eu não hei-de vender;
todas virtudes qu' houverem mister
nesta minha tenda as podem achar,
a troco de cousas que hão-de trazer.

Todos remédios, especialmente
contra fortunas ou adversidades
aqui se vendem na tenda presente;
conselhos maduros de sãs qualidades
aqui se acharão.

A mercadorias d' amor a rezão
justiça e verdade, a paz desejada,
porque a Cristandade é toda gastada
só em serviço da opinião.

Aqui achareis o temor de Deus,
que é já perdido em todos Estados;
aqui achareis as chaves dos Céus,
muito bem guarnecidas em cordões dourados.

E mais achareis
soma de contas, todas de contar
quão poucos e poucos haveis de lograr
as feiras mundanas; e mais contareis
as contas sem conto qu' estão por contar.

E porque as virtudes, Senhor Deus, que digo,
se foram perdendo de dias em dias,
com a vontade que deste ó Messias
memoria o teu Anjo que ande comigo,

Senhor, porque temo
ser esta feira de maus compradores,
porque agora os mais sabedores
fazem as compras na feira do Demo,
e os mesmos Diabos são seus corretores.

Entra um Serafim enviado por Deus a petição do Tempo, e diz:

SERAFIM

À feira, a feira igrejas, mosteiros,
pastores das almas, Papas adormidos;
comprai aqui panos, mudai os vestidos,
buscai as samarras dos outros primeiros,
os antecessores.

Feirai o carão que trazeis dourado;
ó presidentes do crucificado,
lembrai-vos da vida dos santos pastores
do tempo passado.

Ó Príncipes altos, império facundo,
guardai-vos da ira do Senhor dos Céus;
comprai grande soma do temor de Deus
na feira da Virgem, Senhora do Mundo,
exemplo da paz,
pastora dos anjos, luz das estrelas.
À feira da Virgem, donas e donzelas,
porque este mercador sabe que aqui traz
as cousas mais belas.

Entra um Diabo com ùa tendinha adiante de si, como bofalinheiro, e diz:

DIABO

Eu bem me posso gavar,
e cada vez que quiser,
que na feira onde eu entrar
sempre tenho que vender,
e acho quem me comprar.
E mais, vendo muito bem,
porque sei bem o que entendo;
e de tudo quanto vendo
não pago siza a ninguém
por tratos que ande fazendo.

Quero-me fazer à vela
nesta santa feira nova.
Verei os que vêm a ela,
e mais verei quem m' estorva
de ser eu o maior dela.

TEMPO

És tu também mercador,
que a tal feira t' ofereces?

DIABO

Eu não sei se me conheces.

TEMPO

Falando com salvanor,
tu Diabo me pareces.

DIABO

Falando com salvos rabos
inda que me tens por vil,
acharás homens cem mil
honrados, que são Diabos,
(que eu não tenho nem ceitel)
e bem honrados te digo,
e homens de muita renda,
que têm dívida comigo.
Pois não me tolhas a venda,
que não hei nada contigo.

Tempo ao Serafim

TEMPO

Senhor, em toda maneira
acudi a este ladrão,
que há-de danar a feira.

DIABO

Ladrão? Pois haj' eu perdão
se vos meter em canseira.
Olhai cá, Anjo de bem,
eu, como cousa perdida,
nunca me tolhe ninguém
que não ganhe minha vida,
como quem vida não tem.

Vendo dessa marmelada,
e às vezes grãos torrados,
isto não releva nada;
e em todos mercados
entra a minha quintalada.

SERAFIM

Muito bem sabemos nós
que vendes tu cousas vis.

DIABO

I há de homens ruins
mais mil vezes que não bôs,
como vós mui bem sentis.

E estes hão-de comprar
disto que trago a vender,
que são artes de enganar,
e cousas pera esquecer
o que deviam lembrar.
Que o sages mercador
há-de levar ao mercado
o que lhe compram melhor;
porque a ruim comprador
levar-lhe ruim bocado.

E mais as boas pessoas
são todas pobres a oito;
e eu por este respeito
nunca trato em cousas boas,
porque não trazem proveito.
Toda a glória de viver
das gentes é ter dinheiro,
e quem muito quiser ter
cumpre-lhe de ser primeiro
o mais ruim que puder.

E pois são desta maneira
os contratos dos mortais,
não me lanceis vós da feira
onde eu hei-de vender mais
que todos à derradeira.

SERAFIM

Venderás muito perigo,
que tens nas trevas escuras.

DIABO

Eu vendo perfumaduras,
que, pondo-as no embigo,
se salvam as criaturas.
Às vezes vendo virotes,
e trago d' Andaluzia
naipes com que os sacerdotes
arreneguem cada dia,
e joguem até os pelotes.

SERAFIM

Não venderás tu aqui isso,
que esta feira é dos céus:
vai lá vender ao abisso,
logo, da parte de Deus!

DIABO

Senhor, apelo eu disso.
S' eu fosse tão mau rapaz
que fizesse força a alguém,
era isso muito bem;
mas cada um veja o que faz,
porque eu não forço ninguém.
Se me vem comprar qualquer
clérigo, ou leigo, ou frade
falsas manhas de viver,
muito por sua vontade;
senhor, que lh' hei-de fazer?

E se o que quer bispar
há mister hipocrisia
e com ela quer caçar,
tendo eu tanta em perfia,
porque lh' a hei-de negar?
E se ùa doce freira
vem à feira
por comprar um inguento,
com que voe do convento,
senhor, inda que eu não queira,
lh' hei-de dar aviamento.

MERCÚRIO

Alto, Tempo, aparelhar,
porque Roma vem à feira.

DIABO

Quero-me eu concertar,
porque lhe sei a maneira
de seu vender e comprar.

Entra Roma, cantando.

ROMA

«Sobre mi armavam guerra;
«ver quero eu quem a mi leva.

«Três amigos que eu havia,
«sobre mi armam porfia;
«ver quero eu quem a mi leva».

Fala:

Vejamos se nesta feira,
que Mercúrio aqui faz,
acharei a vender paz,
que me livre da canseira
em que a fortuna me traz.
Se os meus me desbaratam,
o meu socorro onde está
Se os Cristãos mesmos me matam,
a vida quem m' a dará,
que todos me desacatam?

Pois s' eu aqui não achar
a paz firme e de verdade
na santa feira a comprar,
cant' a mi dá-me a vontade
que mourisco hei-de falar.

DIABO

Senhora, se vos prouver,
eu vos darei bom recado.

ROMA

Não pareces tu azado
pera trazer a vender
o que eu trago no cuidado.

Não julgueis vós pola cor,
porque em al vai o engano;
cá dizem que sob mau pano
está o bom bebedor;
nem vós digais mal do ano.
Eu venho à feira direita
comprar paz, verdade e fé.

DIABO

A verdade pera quê?
Cousa que não aproveita,
e aborrece, pera que é?
Não trazeis bons fundamentos
pera o que haveis mister;
e a segundo são os tempos,
assim hão-de ser os tentos,
pera saberdes viver.

E pois agora à verdade
chamam Maria Peçonha,
e parvoíce à vergonha,
e aviso à ruindade,
peitai a quem vo-la ponha,
a ruindade digo eu:
e aconselho-vos mui bem,
porque quem bondade tem
nunca o mundo será seu,
e mil canseiras lhe vem.

Vender-vos-ei nesta feira
mentiras vinta três mil,
todas de nova maneira,
cada ùa tão subtil,
que não vivais em canseira:
mentiras pera senhores,
mentiras pera senhoras,
mentiras pera os amores,
mentiras, que a todas as horas
vos nasçam delas favores.

E como formos avindos
nos preços disto que digo,
vender-vos-ei como amigo
muitos enganos infindos,
que aqui trago comigo.

ROMA

Tudo isso tu vendias,
e tudo isso feirei
tanto, que inda venderei,
e outras sujas mercancias,
que por meu mal te comprei.

Porque a troco do amor
de Deus, te comprei mentira,
e a troco do temor
que tinha da sua ira,
me deste o seu desamor;
e a troco da fama minha
e santas prosperidades,
me deste mil torpidades;
e quantas virtudes tinha
te troquei pelas maldades.

E pois já sei o teu jeito,
quero ir ver que vai cá.

DIABO

As cousas que vendem lá
são de bem pouco proveito
a quem quer que as comprará.

Vai-se Roma ao Tempo e Mercúrio e diz Roma:

ROMA

Tão honrados mercadores
não podem leixar de ter
cousas de grandes primores;
e quant' eu houver mister
deveis vós de ter, senhores.

SERAFIM

Sinal é de boa feira
virem a ela as donas tais,
e pois vós sois a primeira,
queremos ver que feirais
segundo vossa maneira.

Cá, se vós a paz quereis
senhora, sereis servida,
e logo a levareis
a troco de santa vida;
mas não sei se a trazeis.
Porque, senhora eu me fundo
que quem tem guerra com Deus,
não pode ter paz c' o mundo ;
porque tudo vem dos céus,
daquele poder profundo.

ROMA

A troco das estações
não fareis algum partido,
e a troco dos perdões,
que é tesouro concedido
pera quaisquer remissões?
Oh, vendei-me a paz dos céus,
pois tenho o poder na terra.

SERAFIM

Senhora, a quem Deus dá guerra,
grande guerra faz a Deus,
que é certo que Deus não erra.

Vede vós que lhe fazeis,
vede como o estimais,
vede bem se o temeis ;
atentai com quem lidais,
que temo que caireis.

ROMA

Assi que a paz não se dá
a troco de jubileus?

MERCÚRIO

Ó Roma, sempre vi lá
que matas pecados cá,
e leixas viver os teus.

Tu não te corras de mi;
mas com teu poder facundo
assolves a todo o mundo,
e não te lembras de ti,
nem vês que te vás ao fundo.

ROMA

Ó Mercúrio, valei-me ora,
que vejo maus aparelhos.

MERCÚRIO

Dá-lhe, Tempo, a essa senhora
o cofre de meus conselhos:
e podes-te ir muit' embora.

Um espelho aí acharás,
que foi da Virgem Sagrada,
co' ele te tocarás

porque vives mal toucada,
e não sentes como estás:
e acharás a maneira
como emendes a vida:
e não digas mal da feira;
porque tu serás perdida,
se não mudas a carreira.
Não culpes aos reis do mundo,
que tudo te vem de cima,
pelo que fazes cá em fundo:
que, ofendendo a causa prima,
se resulta o mal segundo.
E também o digo a vós
e a qualquer meu amigo,
quem não quer guerra consigo:
tenha sempre paz com Deus,
e não temerá perigo.

DIABO

Prepósito Frei Sueiro,
diz lá o exemplo velho:
dá-me tu a mi dinheiro,
e dá ao demo o conselho.

Depois de ida Roma, entram dous lavradores, um per nome Amâncio Vaz e outro Diniz Lourenço, e diz Amâncio Vaz:

AMÂNCIO VAZ

Compadre, vás tu à feira?

DINIZ LOURENÇO

À feira, compadre.

AMÂNCIO VAZ

Assi,
ora vamos eu e ti
ó longo desta ribeira.

DINIZ LOURENÇO

Bofá, vamos.

AMÂNCIO VAZ

Folgo bem
de te vir aqui achar.

DINIZ LOURENÇO

Vás tu lá buscar alguém,
ou esperas de comprar?

AMÂNCIO VAZ

Isso te quero contar,
e iremos patorneando,
e er também aguardando
polas moças do lugar.
Compadre, enha mulher
é muito destemperada,
e agora, se Deus quiser,
faço conta de a vender,
e dá-la-ei por quase nada.

Qu'eu quando casei com ela
diziam-me, «Hétega é».
E eu cuidei pola abofé
que mais cedo morresse ela,
e ela anda inda em pé.
E porque era hétega assim
foi o que m' a mim danou:
avonda qu'ela engordou
e fez-me hétego a mim.

DINIZ LOURENÇO

Tens boa mulher de teu:
não sei que tu hás, amigo.

AMÂNCIO VAZ

S'ela casara contigo
renegaras tu com' eu
e dixeras o que eu digo.

DINIZ LOURENÇO

Pois, compadre, cant'à minha,
é tão mole e desatada,
que nunca dá peneirada
que não derrame a farinha.

E não põe cousa a guardar,
que a tope quanda a cata;
e por mais que homem se mata,
de birra não quer falar.
Trás d' ùa pulga andarà
três dias, e oito, e dez,

sem lhe lembrar o que fez,
nem tão pouco o que fará.

Pera que t'hei-de falar?
Quando ontem cheguei do mato
pôs ùa enguia a assar,
e crua a leixou levar,
por não dizer sape a um gato.
Quant'a mansa, mansa é ela;
dei-m'ê logo conta disso.

AMÂNCIO VAZ

Juro-t'eu que mais vale isso
cinquenta vezes qu'ela.

A minha te digo eu
que se a visses assanhada,
parece demoninhada,
ante São Bertolameu.

DINIZ LOURENÇO

Já sequer terá esp'rito:
mas renega da mulher
que ó tempo do mister
não é cabra nem cabrito.

AMÂNCIO VAZ

A minha tinh'eu em guarda
pera bem da minha prol,
cuidando que era ourinol,
e tornou-se-me bombarda.
Folga tu que ess'outra tenhas,
porque a minha é tal perigo,
que por nada que lhe digo
logo me salta nas grenhas.

Então tanto punho seco
me chimpa nestes focinhos;
eu chamo polos vizinhos,
e ela nego dar-me em xeco.

DINIZ LOURENÇO

Isso é de coraçuda;
não cures de a vender,
que s'alguém te mal fizer,
já sequer tens quem te acuda.

Mas a minha é tão cortês,
que se viesse ora à mão
que m'espancasse um rascão,
não diria, «Mal fazês».
Mas antes s' assentaria
a olhar como eu bradava.
Todavia a mulher brava
é, compadre, a qu'eu queria.

AMÂNCIO VAZ

Pardeus! Tanto me farás
que feire a minha contigo.

DINIZ LOURENÇO

Se queres feirar comigo,
vejamos que me darás.

AMÂNCIO VAZ

Mas antes m' hás-de tornar
pois te dou mulher tão forte,
que te castigue de sorte
que não ouses de falar,
nem no mato nem na corte.
Outro bem terás com ela:
quando vieres da arada,
comerás sardinha assada,
porqu ' ela jenta a panela.
Então geme, pardeus, si,
diz que lhe dói a moleira.

DINIZ LOURENÇO

Eu faria per maneira
que esperasse ela por mi.

AMÂNCIO VAZ

Que lh'havias de fazer?

DINIZ LOURENÇO

Amâncio Vaz, eu o sei bem.

AMÂNCIO VAZ

Diniz Lourenço, ei-las cá vêm!
Vamo-nos nós esconder,
vejamos que vêm catar,
qu'elas ambas vêm à feira.
Mete-te nessa silveira,
qu'eu daqui hei-d' espreitar.

Vêm Branca Anes a brava, e Marta Dias a mansa, e vem dizendo a brava:

BRANCA ANES

Pois casei má hora, e nela,
e com tal marido, prima,
comprei cá ùa gamela,
para o ter debaixo dela,
e um grão penedo em cima.
Porque vai-se-me às figueiras,
e come verde e maduro ;
e quantas uvas penduro
jeita nas gorgomileiras:
parece negro monturo.

Vai-se-m'às ameixieiras
antes que sejam maduras,
ele quebra as cerejeiras,
ele vindima as parreiras,
e não sei que faz das uvas.
Ele não vai à lavrada,
ele todo o dia come,
ele toda a noite dorme,
ele não faz nunca nada,
e sempre me diz que há fome.

Jesu! Jesu! Posso-te dizer
e jurar e tresjurar,
e provar e reprovar,
e andar e revolver,
qu' é melhor pera beber,
que não pera maridar.
O demo que o fez marido,
que assim seco como é
beberá a torre da Sé!
Então arma um arruído
assi debaixo do pé.

MARTA DIAS

Pois bom homem parece ele.

DINIZ LOURENÇO

Aquela é a minha frouxa.

MARTA DIAS

Deu-t'ele a fraldinha roxa?

BRANCA ANES

Melhor lh'esfole eu a pele.
Que homem há i da puxa.
Ó diabo que o eu dou,
que o leve em fatiota,
e o ladrão que m'o gabou;
e o frade que me casou
inda o veja na picota.

E rogo à Virgem da Estrela,
e a santa Gerjalem,
e ós choros de Madanela
e à asnhinha de Belém,
que o veja ir à vela
pera donde nunca vem.

DINIZ LOURENÇO

Compadre, no mais sofrer:
sai de lá desse silvado.

AMÂNCIO VAZ

Pera eu ser arrepelado.
Não havi'eu mais mister.

DINIZ LOURENÇO

E não n'hás tu de vender?

AMÂNCIO VAZ

Tu dizes que a quéis feirar.

DINIZ LOURENÇO

Não qu'ela se me tomar
leixar-m'á quando quiser.
Mas demo-las à má estreia;
e voto que nos tornemos,
e er depois tornaremos
com as cachopas d'aldeia:
entonces concertaremos.

AMÂNCIO VAZ

Isso me parece a rni
muito melhor que eu ir lá.
Oh, que couces que me dá,
quando me colhe sob si!

DINIZ LOURENÇO

Cant' àquela si dará.

DIABO

Mulheres, vós que quereis?
Nesta feira que buscais?

MARTA DIAS

Queremo-la ver, no mais.
Pera ver em que tratais,
e as cousas que vendeis.
Tendes vós aqui anéis?

DIABO

Quejandos? De que feição?

MARTA DIAS

D'uns que fazem de latão.

DIABO

Pera as mãos, ou pera os pés?

MARTA DIAS

Não - Jesu, nome de Jesu,
Deus e homem verdadeiro!

Foge o Diabo e Marta Dias diz:

MARTA DIAS

Nunca eu vi bofalinheiro
tão prestes tomar o mu.
Branc'Anes mana, crê tu
que, como Jesu é Jesu,
era este o Diabo inteiro.

BRANCA ANES

Não é ele pau de boa lenha,
nem lenha de bom madeiro.

MARTA DIAS

Bofá, nunc'ele cá venha.

BRANCA ANES

Viagem de Jão Moleiro,
que foi pola cal d'azinha.

MARTA DIAS

Pasmada estou eu de Deus
fazer o Demo marchante!
Mana, daqui por diante
não caminhemos nós sós.

BRANCA ANES

S'eu soubera quem ele era,
fizera-lhe bom partido:
que me levara o marido,
e quanto tenho lhe dera,
e o toucado e o vestido.
Inda que mais não levara
desta feira, em extremo.
Me alegrara e descansara,
se o vira levar o Demo,
e que nunca mais tornara.

Porque, inda que era Diabo,
fizera serviço a Deus,
e a mi mercê em cabo;
e viera-me dos céus,
como vem a frol ao nabo.

Vão-se ao Tempo e diz Marta Dias:

MARTA DIAS

Dizei, senhores de bem,
nesta tenda, que vendeis?

SERAFIM

Esta tenda tudo tem;
vede vós o que quereis,
que tudo se fará bem.
Consciência quereis comprar,
de que vistais vossa alma?

MARTA DIAS

Tendes sombreiros de palma
muito bons pera segar,
e tapados pera a calma?

SERAFIM

Consciência digo eu,
que vos leve ao Paraíso.

BRANCA ANES

Não sabemos nós qu'ê isso:
dai-o ó decho por seu,
que já não é tempo disso.

MARTA DIAS

Tendes vós aqui burel,
do pardo de lã meirinha?

BRANCA ANES

Eu queria ùa pucarinha
pequenina pera mel.

SERAFIM

Esta feira é chamada
das virtudes em seus tratos.

MARTA DIAS

Das virtudes! E há aqui patos?

BRANCA ANES

Quereis feirar a cevada
quatro pares de sapatos?

SERAFIM

Oh, piedoso Deus eterno!
Não comprareis pera os céus
um pouco d'amor de Deus
que vos livre do Inferno?

BRANCA ANES

Isso é falar per pincéus.

SERAFIM

Esta feira não se fez
para as cousas que quereis.

BRANCA ANES

Pois cant' a essas que vendeis,
daqui afirmo outra vez
que nunca as vendereis.
Porque neste sigro em fundo
todos somos negligentes:
foi ar que deu polas gentes,
foi ar que deu polo mundo,
de que as almas são doentes.

E se hão-de correger
quando for todo danado:
muito cedo se há-de ver;
que já ele não pode ser
mais torto nem aleijado.
Vamo-nos, Marta, à carreira,
que as moças do lugar
virão cá fazer a feira,
que estes não sabem ganhar,
nem têm cousa que homem queira.

MARTA DIAS

Eu não vejo aqui cantar,
nem gaita, nem tamboril,
e outros folgares mil,
que nas feiras soem d'estar:
e mais feira de Natal,
e mais de Nossa Senhora,
e estar todo Portugal.

BRANCA ALVES

S'eu soubera que era tal,
não estivera eu cá agora.

Vêm à feira nove moças dos montes, e três mancebos, todas com cestos nas cabeças, cobertos, cantando. E, como chegam, se assentam por ordem a vender; e diz-lhe o Serafim:

SERAFIM

Pois vindes vender à feira,
sabei que é feira dos céus;
por tal, vendei de maneira
que não ofendais a Deus,
roubando a gente estrangeira.

TESAURA

Responde-lhe, Leonarda,
tu Justina, ou Juliana.

JULIANA

Mas responda-lhe Giralda,
Tesauro, ou Merenciana.

MERENCIANA

Responde-lhe, Teodora,
porque creio que a ti creia.

TESAURA

Responda-lhe Doroteia.
pois que mora,
junto c'o Juiz d'aldeia.

DOROTEIA

Moneca responderá
que falou já com senhor.

MONECA

Responde-lhe tu, Nabor,
contigo s'entenderá.

Ou Denísio, ou Gilberto,
qualquer de vós outros três
e não vos embarceis ou torveis,
porque é certo
que bem vos entenderéis.

GILBERTO

Estas cachopas não vêm
à feira nego a folgar,
e trazem de merendar
nestes cestos que i têm.

Mas pois quanto ao que entendo,
sois, samica, anjo de Deus;
quando partistes dos céus,
que ficava Ele fazendo?

SERAFIM

Ficava vendo o seu gado.

GILBERTO

Santa Maria! Gado há lá?
Oh, Jesu! como o terá
o Senhor gordo e guardado!
E há lá boas ladeiras,
como na serra d'Estrela?

SERAFIM

Si.

GILBERTO

E a Virgem que faz ela?

SERAFIM

A Virgem olha as cordeiras,
e as cordeiras a ela.

GILBERTO

E os Santos de saúde
todos, a Deus louvores?

SERAFIM

Si.

GILBERTO

E que léguas haverá
daqui à porta do Paraíso,
onde São Pedro está?

NABOR

Lá vêm ó redor das vinhas
compradores a comprar
samica ovos e galinhas.

DOROTEIA

Não lhe hei-de vender as minhas,
que as trago pera dar.

Vêm dous compradores, um per nome Vicente e outro Mateus, e diz Mateus a Justina:

MATEUS

Vós rosa do amarelo,
mana, tendes i queijadas.

JUSTINA

Tenho vosso avô marmelo!
Conhecei-lo?

MATEUS

Aqui estão emborilhadas.

JUSTINA

Estade má ora quedo,
pela vossa negra vida.

MATEUS

Menina, não hajais medo:
vós sois mais engrandecida
que Branca de Figueiredo.
Se trazeis ovos, meus olhos,
não m'os vendais a ninguém.
Andar em burra e ter bem:
ouvide ora o rasca-piolhos
(azeite no micho!) em que vem!

VICENTE

Minha vida, Leonarda,
traz caça pera vender?

LEONARDA

Vossa vida negra e parda
não lhe abastará comer
da vaca com da mostarda?

VICENTE

E a mesa de meu senhor
irá sem ave de pena?

LEONARDA

Quem? E vós sois comprador?
Pois nem grande nem pequena
não matou o caçador.

VICENTE

Matais-me vós logo bem
com dous olhinhos qu'eu digo.

LEONARDA

Mais vos mata a vós o trigo,
porque não vale a vintém,
e traz mau micho consigo.

VICENTE

Vós fazeis de mi rascão.

LEONARDA

Pação vos fizestes vós;
porém bem nos vimos nós
guardar bois no Alqueidão.

MATEUS

Que vindes vender à feira,
Teodora, alma minha?
minha alma, minha canseira?
Trazei algũa galinha?

TEODORA

São vossa alma galinheira.
Que má ora cá viestes
pera quem vos pôs no paço!

MATEUS

Senhora, eu vos faço,
que vos agastais tão prestes?
Dizei-me vós, Teodora,
trazeis vós tal cousa e tal
deste jeito, muito embora?
Mas lá dessoutro metal
não falam à lavradora.

VICENTE

Senhora Moneca, trazeis
algum cabrito recente?

MONECA

Não bofé, Senhor Vicente:
quisera ora trazer três,
de que vós foreis contente.

VICENTE

Juro à Santa Cruz de palha
qu' hei-de ver o que aqui está.

MONECA

Não revolvais aramá,
que não trago nemigalha.

VICENTE

Não me façais descortês,
nem queirais ser tão garrida.

MONECA

Pola vossa negra vida!
Olhade como é cortês !
Oh, que lhe saia má saída.

MATEUS

Giralda, eu achar-vos-ei
dous pares de passarinhos?

GIRALDA

Irei por eles aos ninhos,
entonces os venderei.
Comereis vós estorninhos?

MATEUS

Respondeis como mulher
muito de sua vontade.

GIRALDA

Pois digo-vo-la verdade:
pássaros hei-de vender?
Olhai aquela piedade!

VICENTE

Senhora minha Juliana
peço-vos que me faleis
discreta palenciana,
e dizei-me que vendeis.

JULIANA

Vendo favas de Viana.

VICENTE

Tendes alguns laparinhos?

JULIANA

Sim, de porca.

VICENTE

Nem coelhos?

JULIANA

Quereis comprar dous francelhos,
pera caçardes ratinhos?

JULIANA

Quero, polos Evangelhos!

MATEUS

Vós, Tesaura, minha estrela,
não viríeis cá em vão.

TESAURA

Pois si, vossa estrela vos er'ela:
como aquilo é de rascão!

MATEUS

Mas como isso é de donzela!
Porém vá já como vai,
e casemo-nos, senhora.

TESAURA

Pois casai co'ele, casai,
Casar, ma ora, meu ai,
casar, má hora.

MATEUS

Porém trazeis algum pato?

TESAURA

E quanto dareis por ele?
Hui, e ele revolve o fato:
olho mau se meta nele.

MATEUS

Não trazeis vós o qu'eu cato.

VICENTE

Merenciana deve ter
neste cesto algum cabrito.
Não m'haveis de revolver

MERENCIANA

senão, pardeus, que dê grito
tamanho, que haveis de ver.

VICENTE

Eu hei-de ver que trazeis.

MERENCIANA

se vós no cesto bulis. . .

VICENTE

Senhora, que me fareis?

MERENCIANA

Um aqui-d'el-rei, ouvis?
Não sejais vós descortês.

VICENTE

Não quero senão amores,
pois vosso, senhora, sou.

MERENCIANA

Amores de vosso avô,
o da ilha dos Açores.
Andar aramá vós só.

MATEUS

Vamo-nos daqui, Vicente.

VICENTE

Bofá vamos.

MATEUS

Nunca vi tal feira.

VICENTE

Vamos comprar à Ribeira,
que anda lá cousa mais quente.

Vão-se os compradores, e diz o Serafim às moças:

SERAFIM

Vós outras quereis comprar
das virtudes?
Senhor, não.

SERAFIM

Saibamos por que rezão.

DOROTEIA

Porque no nosso lugar
não dão por virtudes pão.
Nem casar não vejo eu
por virtudes a ninguém.
Quem tiver muito de seu,
e tão bons olhos com'eu
sem isso casará bem.

SERAFIM

Pois porque viestes ora
cansar à feira de pé?

TEODORA

Porque nos dizem que é
feira de Nossa Senhora:
e vedes aqui porquê.
E as graças que dizeis
que tendes aqui na praça,
se vós outros as vendeis,
a Virgem as dá de graça
aos bons, como sabeis.

E porque a graça e alegria,
a madre da consolação
deu ao mundo neste dia,
nós vimos com devação
a cantar-lhe úa folia.

E pois que já descansámos
assi em boa maneira,
moças, assi como estamos,
demos fim a esta feira,
primeiro que nos partamos.

*Alevantam-se todas, e ordenadas em folia cantaram a cantiga seguinte, com
que se despediram.*

Cantiga.

I CORO

«Blanca estais colorada,
«Virgem sagrada.
«Em Belém vila do amor
«da rosa nasceu a flor:
«Virgem sagrada.»

II CORO

«Em Belém vila do amor
«nasceu a rosa do rosal:
«Virgem sagrada.»

I CORO

«Da rosa nasceu a flor:
«pera nosso Salvador:
«Virgem sagrada.»

II CORO

«Nasceu a rosa do rosal,
«Deus e homem natural:
«Virgem sagrada.»

Gratias agamus
Domino Deo nostro

FIM

Maria Leonor Carvalhão Buescu, *Gil Vicente, Copilaçam de Toda las Obras*, vol. I, pp. 144-175

Gil Vicente, dramaturgo (*)

Nascimento: 1465, Guimarães, Portugal

Falecimento: 1537, Évora, Portugal

O dramaturgo e poeta português **Gil Vicente**, que escreveu em Português e Espanhol, foi classificado como uma das figuras proeminentes da Renascença Ibérica.

Quase nada se sabe sobre a primeira metade da vida de **Gil Vicente** até a sua primeira aparição pública como dramaturgo em 1502.

Ele provavelmente foi aprendiz de Martim Vicente, um parente próximo e ourives, e foi como um ourives que Gil atraiu a atenção da Rainha D. Leonor, que em 1495 ficou viúva por D. João II. O irmão dela, em seguida, tornou-se o rei D. Manuel I. A seu pedido Vicente contribuiu alguns versos de um dos Serões famosos do Paço.

Ourives do reino, mestre de balança da Casa da Moeda, autor da famosa Custódia de Belém, representa, em 1502, o Auto da Visitação (Monólogo do Vaqueiro), perante a rainha parturiente, sendo este o início de uma carreira fecunda de comediógrafo, regular e brilhante.

A sua obra representa o encontro da herança medieval, sobretudo nos gêneros e na medida poética (utiliza sistematicamente a métrica popular, em autos e farsas), com o espírito renascentista de exercício crítico e de denúncia das irregularidades institucionais e dos vícios da sociedade.

Entre as suas inúmeras obras contam-se: o *Auto da Índia*, 1509, farsa que critica o abandono a que o embarque eufórico e sistemático dos Portugueses para o Oriente, em cata de riquezas, vota a pátria e as situações familiares; os

Autos das Barcas (*Barca do Inferno*, 1517; *Barca do Purgatório*, 1518; *Barca da Glória*, 1519), peças de moralidade, que constituem uma alegoria dos vícios humanos; *Auto da Alma*, 1518, auto sacramental, que encena a transitoriedade do homem na vida terrena e os seus conflitos entre o bem e o mal; *Quem Tem Farelos?*, 1515, *Mofina Mendes*, 1515, e *Inês Pereira*, 1523, que traçam quadros populares de intensidade moral, simbólica ou quotidiana, em urdiduras de cómico irresistível e de alcance satírico agudo e contundente.

É muito rica a galeria de tipos em Gil Vicente, e variada a gama da sua múltipla expressão, desde a poetização do mais comum, até à religiosidade refinada e aos conteúdos abstratos e ideológicos que defende ou satiriza. Gil Vicente escreveu mais de quarenta peças, inclusive algumas em castelhano e outras bilíngues.

(*) Retirado do Portal São Francisco

Obs.

Texto encontrado na Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro (USP) para estudo, pesquisa e fins educacionais e retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude.

Contacto CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br